

# O NÚMERO DA BESTA: UMA NOVA EXPLICAÇÃO PARA AS VARIANTES 666 E 616 EM APOCALIPSE 13:18

  Milton Luiz Torres<sup>1,\*</sup>

## RESUMO

O texto de Ap 13:18 é objeto de uma notória divergência textual. A NVI traduz a passagem da seguinte forma: “Aqui há sabedoria. Aquele que tem entendimento calcule o número da besta, pois é número de homem. Seu número é seiscentos e sessenta e seis”. A divergência ocorre justamente na parte final do verso, mais especificamente no número da besta. Os manuscritos mais antigos e importantes trazem o número 666. Entre eles, estão o Códice Sinaitico (do séc. IV) e o Códice Alexandrino (do séc. V), que trazem o número escrito por extenso (*hexakosioi hexêkonta hex*, “seiscentos e sessenta e seis”). O papiro de Dublin ou p<sup>47</sup> (do final do séc. III) também traz o número 666, mas não por extenso. Em vez disso, fornece três letras gregas que representam o número: CHXS, sendo que a letra chi (CH) vale 600, a letra xi (X) vale 60 e o digama (F), mas como um sigma (S) em forma de meia lua (C), vale 6. Quando somamos as centenas, dezenas e unidades, chegamos ao número 666. Os gregos antigos desconheciam o zero e, por essa razão, empregavam 27 letras para representar alfabeticamente os números quando desejavam apresentá-los de forma abreviada. No entanto, o testemunho textual não é unânime em considerar 666 como o número da besta. Um papiro de Oxford, o p<sup>115</sup> (do final do séc. III ou início do séc. IV), traz o número 616 de forma abreviada: CHIS, sendo que o chi (CH) representa 600, o iota (I) representa 10 e o digama (S), 6. Além disso, um palimpsesto (C04) do séc. V, conhecido como Ephraemi Rescriptus, traz o número 616 por extenso (*hexakosioi deka hex*, “seiscentos e dezesseis”). Daí, a necessidade que os entendidos nos manuscritos bíblicos sentem de explicar por que surgiu essa divergência textual.

**Palavras-chave:** Teologia. Religião. Linguística.

<sup>1</sup> Doutorado em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo (USP) e Pós-doutorado em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atualmente é professor permanente do Mestrado Profissional em educação do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP).

**\*Autor correspondente:**

[milton.torres@unasp.edu.br](mailto:milton.torres@unasp.edu.br)

**Submissão:** 08/2020

**Aceite:** 10/2021

**Como citar**

TORRES, M. L. O número da besta: uma nova explicação para as variantes 666 e 616 em Apocalipse 13:18. *Práxis Teológica*, v. 17, n. 1, p. e1579, 2021. DOI: <https://doi.org/10.25194/2317-0573.2021v17n1.e1579>.



O texto de Apocalipse 13:18 é objeto de notória divergência textual. A Nova Versão Internacional (NVI) traduz a passagem da seguinte forma: “Aqui há sabedoria. Aquele que tem entendimento calcule o número da besta, pois é número de homem. Seu número é seiscentos e sessenta e seis”. A divergência ocorre justamente na parte final do verso, mais especificamente no número da besta. Os manuscritos mais antigos e importantes trazem “666”. Entre eles, estão o Códice Sinaítico (século IV) e o Códice Alexandrino (século V), que apresentam o número escrito por extenso (hexakosioi hexêkonta hex, seiscentos e sessenta e seis). O papiro de Dublin ou p47 (final do século III) também mostra o número, mas não por extenso. Em vez disso, fornece três letras gregas que o representam: CHXS – letra chi (CH) vale 600, a letra xi (X) vale 60 e o digama (F), mas como um sigma (S) em forma de meia-lua (C), vale 6. Quando somamos as centenas, dezenas e unidades, chegamos a 666. Os gregos antigos desconheciam o zero, por essa razão empregavam 27 letras para representar alfabeticamente os números quando desejavam apresentá-los de maneira abreviada.

No entanto, o testemunho textual não é unânime em considerar 666 como o número da besta. Um papiro de Oxford, o p115 (final do século III ou início do século IV), o traz de forma abreviada: CHIS – o chi (CH) representa 600, o iota (I) representa 10, e o digama (S) representa 6. Além disso, um palimpsesto (C04) do século V, conhecido como Ephraemi Rescriptus, apresenta 616 por extenso (hexakosioi deka hex, seiscentos e dezesseis). Esse cenário justifica a necessidade que os entendidos nos manuscritos bíblicos sentem de identificar por que surgiu essa divergência textual.

Antes de explicitar uma possível explicação para a alternância entre 666 e 616 nos manuscritos antigos com referência ao número da besta, é preciso compreender que tanto gregos quanto judeus levavam a sério o valor numérico dos nomes. A arte de atribuir tais valores a fim de conferir importância exotérica ao nome era conhecida entre os judeus como gematria e, entre os gregos, como isopsefisia. Aliás, o verbo “calcular”, que aparece no verso sob estudo, nada mais é do que uma forma dessa palavra. Dada a relevância numerológica dos nomes, pode-se dizer que os dois números são bons candidatos a representar a besta: 616 é obtido pela multiplicação de números primos ( $616 = 2 \times 2 \times 2 \times 7 \times 11$ ), ao passo que 666 também tem importante função mnemônica, pois consiste na adição de  $1 + 2 + 3 + \dots + 36$  (ELKIES, 2004).

Os antigos pais da Igreja estavam cientes dessa discrepância textual. O mais antigo pronunciamento a respeito vem de Irineu de Lião. Antes de se referir à variação numérica nos manuscritos, ele apresenta em *Contra as heresias* sua interpretação do número:

“E seu número é seiscentos e sessenta e seis”, isto é, seis centenas [hekatontades], seis dezenas [dekades] e seis unidades [monades], que é a recapitulação [anakephalaiôsis] de toda a apostasia perpetrada durante seis mil anos. Quantos foram os dias empregados a criar este mundo, tantos serão os milênios da sua duração total. Eis por que o livro do Gênesis diz: “Assim foram concluídos os céus e a terra e toda a sua ornamentação. Deus concluiu no sexto dia toda a obra que fizera e no sétimo dia descansou de todas as obras que fizera”. Esta é descrição do passado, tal como aconteceu, e ao mesmo tempo uma profecia para o futuro: com efeito, “se um dia do Senhor é como mil anos”, se a criação foi acabada em seis dias, está claro que a consumação das coisas acontecerá no sexto milênio. (IRINEU DE LIÃO, 2014, 28.2-3)

Para substanciar a relação entre o número da besta e a duração de nosso mundo, Irineu se volta para três importantes episódios na história dos filhos de Deus: a criação, o dilúvio e o cativeiro babilônico. Sua referência à criação nos levou até o número 6, representativo dos seis dias em que ela ocorreu. No relato do dilúvio aparece outro algarismo formador do número da besta:

Por isso, na besta que há de vir, haverá a recapitulação de toda a iniquidade e de todo o engano, para que todo o poder da apostasia que se ajuntou e recolheu nela, seja lançado na fornalha ardente. Por esta razão o número de seu nome será justamente seiscentos e sessenta e seis, recapitulando em

si toda a mistura do mal que se desencadeou antes do dilúvio em consequência da apostasia dos anjos – Noé tinha seiscentos anos quando se precipitou o dilúvio na terra, destruindo a rebelião da terra por causa da geração perversa dos tempos dele –; recapitulando também toda a falsidade que houve depois do dilúvio. (IRINEU DE LIÃO, 2014, 29.2)

Assim, já temos 606. O relato do cativo babilônico oferece o algarismo que falta:

Com efeito, a estátua construída por Nabucodonosor tinha sessenta côvados de altura e seis de largura [...]. Aliás toda esta estátua foi a prefiguração da vinda daquele que pretendia se fazer adorar por absolutamente todos os homens. Assim os seiscentos anos de Noé, na época do dilúvio que se deu por causa da apostasia, e o número dos côvados da estátua [...] indicam o número do nome daquele em que será recapitulada toda apostasia, a injustiça, a iniquidade, a pseudoprofecia e o engano de seis mil anos. (IRINEU DE LIÃO, 2014, 29.2)

É nesse contexto que Irineu faz sua queixa de que teria ocorrido uma confusão textual em relação ao número da besta:

Sendo essa a situação, visto que este número se encontra em todos os manuscritos mais antigos [archaioi] e cuidados [spoudaioi], é atestado pelos que viram João com seus próprios olhos e, racionalmente, o número do nome da besta, contado à maneira dos gregos, somando o valor das letras que formam este nome, [...] não entendo como alguns se puderam enganar, levados por uma opinião particular [idiotismos] a corrigir o número do meio, diminuindo-o de cinquenta unidades e deixando somente uma dezena no lugar das seis. (IRINEU DE LIÃO, 2014, 30.1)

Existe até mesmo um trecho em que o escritor é ainda mais veemente acerca dessa confusão. Entretanto, a passagem só aparece nos manuscritos latinos e pode muito bem ser uma interpolação posterior. A esse respeito, Cole (2017, p. 14) comenta: “sou inclinado a pensar que isso ocorreu por causa de um erro comum entre os escribas já que os números também são expressos por letras, e é fácil que a letra grega que representa o número 60 seja expandida no iota dos gregos”. A explicação dessa suposta expansão do xi (X) em iota (I) não é muito convincente e não faz mesmo sentido, já que as duas letras são bastante diferentes, e o iota tem uma envergadura menor do que a letra xi.

Outra antiga explicação para a divergência textual no número da besta vem da interpretação corrente entre os cristãos na Antiguidade de que o imperador Nero seria a besta do Apocalipse. O título Nero César (NeRON QeiSaR), submetido à gematria, dava exatamente 666. Na numerologia judaica, só as consoantes tinham valor numérico. Sendo assim, nun (N) valeria 50; resh (R), 200; vav (O), 6; qoph (Q), 100; e samekh (S), 60. Como o nome de Nero podia ser escrito sem a consoante N final por causa do fenômeno fonético da apócope, estaria explicada a variação entre 666 e 616 (ELKIES, 2004).

As tentativas de atribuição de valores numéricos para os nomes da época eram tão comuns que um escritor eclesiástico do século III chamado Hipólito detalha o método, em seu tratado intitulado *O anticristo*, exemplificando a contagem com nomes comuns da época que poderiam ter o valor numerológico de 666. Para isso, usa nomes comuns como Euntas (Eyanthas, em grego: E = 5; Y = 400; A = 1; N = 50; TH = 9; A = 1; e S = 200); Latino (Lateinos, em grego: L = 30; A = 1; T = 300; E = 5; I = 10; N = 50; O = 70; e S = 200); e Titã (Teitan, em grego: T = 300; E = 5; I = 10; T = 300; A = 1; e N = 50). Obviamente, nos exemplos de Hipólito, o S é o sigma, de fato, e não o digama como um sigma em forma de meia-lua (HIPPOLYT, 1897).

Finalmente, chegamos à nova proposta feita, recentemente por Williams (2007), para buscar compreender a divergência entre 666 e 616 como número da besta. A crítica textual sempre exige que uma variante seja explicada. O autor propõe, portanto, que a variante seja 616, não apenas porque o testemunho dos manuscritos favorece o número 666, mas também porque é mais fácil explicar como 666 virou 616 do que o contrário (WILLIAMS, 2007). Em sua argumentação, ele propõe que 666

seja considerado um *numerus sacer*, da mesma forma que Jesus, Deus e Espírito Santo são considerados *nomina sacra*, na tradição manuscrita. Nos antigos manuscritos gregos, os nomes sagrados eram, em geral, abreviados. Nesse caso, era comum a colocação de um traço sobre as letras da abreviatura. O nome “Cristo Jesus”, por exemplo, era comumente abreviado como CHRS IHS. Segundo sua sugestão, optar pelo número 616 abreviado em letras (CHIS) equivaleria a enfatizar o fato de que a besta é uma contrafação de Jesus, uma vez que essas letras numéricas guardam muitas semelhanças com as que compõem o nome sagrado de Cristo Jesus.

Williams (2007) fundamenta seu pensamento com o argumento teológico de que o próprio livro do Apocalipse sugere isso quando descreve a besta de forma semelhante à descrição de Jesus como Cordeiro: “Então vi um Cordeiro, que parecia ter estado morto, de pé, no centro do trono, cercado pelos quatro seres viventes e pelos anciãos. Ele tinha sete chifres e sete olhos, que são os sete espíritos de Deus enviados a toda a terra” (Ap 5:6).

Cole (2017, p. 194) argumenta que os manuscritos nos quais o número 666 é abreviado têm a tendência de abreviar outros números também. Por essa razão, acha que Williams (2007) não conseguiu provar que 666 seria um *numerus sacer*. Apesar disso, concorda que, se esse fosse o caso, seria possível que, no afã de enfatizar que a besta é uma contrafação de Cristo, os copistas alterassem o número 666 para 616. De fato, isso seria mais fácil do que, inversamente, alterar o número 616 para 666.

## REFERÊNCIAS

COLE, Z. J. **Numerals in early Greek New Testament manuscripts: text-critical, scribal, and theological studies**. Leiden: Brill, 2017.

ELKIES, N. D. **The numerology of the beast**. 10 out. 2004. Disponível em: <http://people.math.harvard.edu/~elkies/mp666.html>. Acesso em: 14 jul. 2020.

HIPPOLYT. *De antichristo*. In: ACHELIS, H. (Ed.). **Hippolyt's kleinere exegetische und homiletische Schriften**. Die griechischen christlichen Schriftsteller. Leipzig: Hinrichs, 1897. p. 1-47.

IRINEU DE LIÃO. **Contra as heresias: denúncia e refutação da falsa gnose**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2014.

IRÉNÉE. *Contre les hérésies*. In: ROUSSEAU, Adelin (Ed.). **Édition critique d'après les versions arménienne et latine**. Paris: Les Éditions du Cerf, 1969. v. 2.

WILLIAMS, P. J. P<sup>115</sup> and the number of the beast. **Tyndale Bulletin**, v. 58, n. 1, p. 151-153, 2007.